

UMA INFÂNCIA EM IMAGEN(S): MEMÓRIA DISCURSIVA E (RE)CONHECIMENTO

Milene Maciel Carlos Leite

Orientadora: Bethania Sampaio Correia Mariani

Mestranda

Considerações iniciais

O presente artigo possui como objetivo principal expor o andamento de uma pesquisa realizada em nível de mestrado, que considera imagens de crianças em circulação na imprensa como objeto de análise. Filiamo-nos ao referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa, com base em Pêcheux (1997 [1969], 2009 [1975], 2012 [1983]), Orlandi (2001, 2012, 2013) e demais pesquisadores, para que possamos trabalhar o nosso objeto: o discurso *sobre*(MARIANI, 1996) a infância materializado em imagens-texto dos jornais *O Globo online*, *Extra online* e *Folha de São Paulo online*.

Ao determinarmos o texto (ou, conforme estamos considerando, imagens como texto) como unidade de análise o fazemos, à luz da Análise do Discurso, como meio de alcançar o discurso, entendido como “efeitos de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997 [1969], p.82). Em relação a texto, na concepção aqui defendida, Orlandi (2012) afirma: “(...) **o texto -exemplar de discurso – é multidimensional, enquanto espaço simbólico**” (ORLANDI, 2012, p.14 – grifo nosso). Ao definir texto como multidimensional, a autora aponta as múltiplas direções de sentidos possíveis presentes e possíveis de se ler em um texto, a partir de dadas condições de produção. A autora, em mesmo texto, acrescenta que o fato de ser multidimensional não significa que não tenha direção. Quanto a isto, afirma: “(...) há uma necessidade que rege um texto e que vem da relação com a exterioridade” (ORLANDI, 2012,

p. 15). Essa relação constitutiva com a exterioridade, em que atuam o sócio-histórico-ideológico, é que buscamos explicitar, por meio da análise da fotografia.

A imagem, tomada com texto, como discurso, trazida à análise neste artigo é um registro fotográfico, produzido por um fotojornalista em seu ofício. Uma vez formulada, foi posta em circulação em um suporte específico, o jornal *O Globo online*. No campo do Jornalismo, uma imagem desta natureza é denominada fotorreportagem; em linhas gerais, uma fotografia que comunica um acontecimento, que reporta algo aos leitores.

Esta visão de que a linguagem (verbal e não verbal) serve para comunicar um fato, transmitir uma verdade, é por nós questionada, no presente trabalho. Consideramos a linguagem em sua opacidade, os sentidos não estão na palavra ou no texto, tampouco estão no sujeito que enuncia, são construídos, no discurso. Por isso, falar, escrever, produzir uma imagem, entre outras formas de inscrição do sujeito a uma rede de sentidos, não garante uma comunicação. Conforme afirma Orlandi(2009, p. 22), “a linguagem serve para comunicar e não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e sentidos e seu efeitos são múltiplos e variados” (ORLANDI, 2009, p. 22).

Consideramos, assim, o não verbal enquanto linguagem, ou seja, em suas possibilidades de produzir (efeitos de) sentidos possíveis. Compreendemos também o próprio ato de fotografar, de tornar algo ou alguém objeto, vestido de luz e significação, um gesto de inscrição e interpretação do sujeito no campo do simbólico e do político. Gesto de leitura e gesto que se dá a ler, no espaço discursivo do jornal.

A fotografia em questão vem acompanhada de um título, uma legenda e um texto que constitui a reportagem. Compreendemos que há, neste funcionamento, a ilusão de que o não verbal necessita do verbal para significar.

Buscamos, na análise aqui empreendida, que se constitui por gestos de leitura e interpretação guiados pelo filtro teórico da Análise do Discurso, compreender a construção de sentidos possíveis para a infância discursivizada. Para tal, levamos em consideração a relação estabelecida entre o não verbal e o verbal, enquanto materialidades significantes (LAGAZZI, 2009) distintas, que produzem efeitos distintos no processo de interpretação, que é determinado pelo contexto social, histórico e ideológico.

Uma análise possível

A fotografia trazida à análise é parte de uma notícia do jornal *O Globo online*, de 3 de dezembro de 2014. A notícia intitula-se:

Flagrante que choca: menina toma banho em bueiro.

Logo abaixo do título, o subtítulo:

Prefeitura faz buscas no Centro para achar criança, que teria 5 anos e estaria ao lado do pai, com sinais de embriaguez.

Em seguida, está a fotografia:



Fotografia 1 - retirada de <http://oglobo.globo.com/rio/flagrante-que-choca-menina-toma-banho-em-bueiro-14723691>

Junto à imagem, há a legenda:

A menina no buraco com água suja: alheio à situação, o pai se preocupava em pedir dinheiro para almoçar.

Na notícia que aqui está sendo referida há um fato a ser contado, um “flagrante” “que choca”; o elemento surpreensivo é logo revelado: “menina **toma banho** em bueiro”. No campo do jornalismo, uma das características atribuídas ao formato de uma notícia, tanto no jornalismo impresso quanto no chamado jornalismo *online*, é a preferência de uso dos verbos no presente do indicativo, especialmente quando se trata de um verbo de ação, no intuito de reforçar a atualidade do acontecimento relatado/ discursivizado. Dalmonte (2010), em reflexões sobre o uso dos tempos presente e passado nas manchetes jornalísticas afirma:

A ambiguidade da narrativa jornalística no que tange ao tempo, ou melhor, à temporalidade do presente, pode ser observada pela **opção de uso do tempo verbal do presente do indicativo**, independentemente de o fato estar em processo ou de já ter ocorrido, o que justificaria o emprego do passado simples. O uso do tempo presente justifica-se pela **necessidade desimular a presença do leitor na cena** na qual se desenrolaram os fatos. (...) Por intermédio desse artifício, tem-se a ideia de que o fato ainda acontece, que o leitor está ligado a ele. Estamos todos, leitores e narradores, naquela cena, ainda sendo tocados por aquela ação. (DALMONTE, 2010, p. 330 – grifo nosso).

Em relação ao tempo passado, o autor aponta: “O passado, por seu turno, marca o fim, a conclusão de um fato, o que pode promover um efeito de sentido de distanciamento entre o indivíduo e o mundo” (DALMONTE, 2010, p. 330).

As afirmações do autor contribuem, particularmente, para a discussão desenvolvida no presente trabalho no instante em que produzem relacionam o uso dos tempos verbais utilizados na “narrativa jornalística” a algo que extrapola questões de tipologia ou gênero. A partir do ponto de vista adotado pelo autor, e que também adotamos neste trabalho, os tempos verbais tornam-se relevantes para as construções de sentidos possíveis, dentro de dadas condições de produção. A língua, em sua materialidade, produz sentidos em sua relação com o sócio-histórico-ideológico. Orlandi (2004) afirma: “A presença do corpo verbal na produção dos sentidos faz parte disso que chamamos ‘materialidade da linguagem’” (ORLANDI, 2004, p. 27).

Propomos, junto à reflexão de Dalmonte (2010), que o tempo presente usado em “menina **toma banho** em bueiro” produz um efeito de aproximação do leitor à cena discursivizada, tanto na materialidade verbal quanto na não verbal, sustentando, no discurso, o efeito de evidência, de “é isto”.

Ademais, propomos também, no âmbito da dissertação, que a história escrita e inscrita, nas distintas materialidades significantes, funcionando em “composição” (LAGAZZI, 2009) no espaço discursivo do jornal, produz, a partir do uso do tempo presente, um *discurso sobre* (MARIANI, 1996) a infância (uma infância), que, como prática sempre ocorrida no presente, “toma banho em bueiro”. Nesta instituição de sentidos para esta infância estão em jogo já-ditos e esquecidos e não ditos que se fazem presente, a partir de uma relação com o que chamamos memória discursiva ou interdiscurso.

Em continuidade na análise aqui empreendida, apontamos que cada palavra do título, mais do que comunicar um ocorrido, mobiliza uma memória discursiva (tudo o que já foi dito, será dito ou é possível dizer sobre menina, sobre banhar-se, sobre bueiro), construindo uma textualização em que jogam o silêncio e o não-dito (que significam pela memória discursiva).

Chamamos à atenção para o fato de o “flagrante que choca”, nos termos do jornal, ser apontado como uma **ação** (a de banhar-se em água suja) e não uma **condição** (a condição de miséria em que vivem os mais pobres).

Junto ao fato enunciado, está a imagem, funcionando de modo a atestar a veracidade do ocorrido, ou seja, nos termos de Lagazzi (2009), a modo de “complementaridade” em relação ao verbal. No subtítulo, assim como na legenda, há a referência a um pai (com “sinais de embriaguez”, preocupado em “pedir dinheiro para almoçar”), mobilizando, também, toda uma memória discursiva que sustenta o papel de um pai em relação a uma filha.

Este pai, no entanto, apesar de referido no título e na legenda, não comparece na imagem. Entendemos este não comparecimento como não à toa. A representação da menina sozinha, produz, no discurso, o efeito de desamparo, de falta de cuidados.

Ao tornar objeto a menina sozinha, a materialidade não verbal funciona como um *discurso sobre* a infância, ou melhor, sobre uma infância. Abre, com isso, ao tornar a imagem visível “através do trabalho de interpretação” (SOUZA, 1998, p. 4), a possibilidade de leituras de uma infância que não é qualquer, é marcada pela sustentação, no discurso, de um efeito de descuido, pela presença-ausente da família. A materialidade verbal, em relação de composição (LAGAZZI, 2009) com a não verbal, sustenta o mesmo efeito de desamparo da criança. Entendemos que há na materialidade verbal e na não verbal textualizações de uma infância marcada pelo abandono.

Tanto o enfoque da câmera fotográfica, que enquadra somente a menina, quanto a referência ao pai “alheio à situação”, apontam dois pontos de vista que convergem, a do fotógrafo, que produz a imagem, e a do jornalista, que escreve a legenda. Em nosso gesto de leitura e interpretação, entendemos que a ausência do pai na imagem, e o modo como este pai é referido, na materialidade linguística, produzem efeitos, em termos discursivos, que dizem, sem dizer diretamente, sobre o papel da família, nesta infância. É o discurso sobre essa infância, sustentado por já ditos, que faz significar a família dessa criança, em relação a um modelo imaginário de família tido como ideal.

O fotojornalista, diante da cena que o fisgou, e a partir da posição que ocupa, parte a uma ação, produz uma imagem e a encaminha ao jornal, que a torna pública (amplia os meios de circulação, assim como a visibilidade da imagem, enquanto possibilidades de leitura/interpretação).

A imagem que torna objeto, pelo gesto de fotografar, uma menina em situação de vulnerabilidade, uma menina sem nome, sem rosto, mas cujo corpo está duplamente exposto (à água suja e aos olhares multiplicados pela localização da imagem no jornal), dá ao fotógrafo o prêmio de melhor fotografia, em concurso interno ao jornal. Diante do *status* atribuído à imagem, nos perguntamos: o que se premia, a imagem ou o fotógrafo? O que há naquela fotografia, no que ela tem a transmitir, que seja digno de (re)conhecimento? Premia-se, talvez, o reconhecimento de uma cena anterior, sustentada por uma memória que fala de infâncias abandonadas.

No gesto de enquadrar, limitando o dizer ao que está da margem para dentro, e no gesto de direcionar sentidos à imagem, em sua relação com o verbal, trazemos uma questão pontuada por Pêcheux (2012 [1983]), que afirma “Face às interpretações sem margens nas quais o intérprete se coloca como um ponto absoluto, sem outro nem real, trata-se aí (...) de uma questão de ética e política: uma questão de responsabilidade” (PÊCHEUX, 2012 [1983], p. 57).

Na montagem discursiva que aqui trouxemos, em que verbal e não verbal, como materialidades distintas, funcionam, no espaço do jornal, em uma pretensa relação de complementaridade, apagando a textualidade de cada materialidade, procuramos apontar, conforme Pêcheux (*ibidem*), “os momentos de interpretações enquanto atos que surgem como tomada de posição” (p. 57).

Ao produzir esta imagem para um jornal, ou seja, na ilusão de que a imagem falará por si, comunicará um acontecimento, o sujeito-fotojornalista assume uma posição, que não pode ser pensada fora das condições de produção que determinam a ação e a interpretação. Mariani e Medeiros (2011) ressaltam: "Pensar em uma ética jornalística implica pensar em uma ética do jornalismo em uma sociedade capitalista contemporânea, regida pela lógica do mercado" (p. 84). A decisão de fotografar aliada a outra de expor ou não, em meios de grande circulação, como o jornal, determinadas imagens passam, necessariamente, por uma questão ética, mas também por uma questão de mercado; a prática jornalística (e outras que servem a

semelhante papel) "não se dá fora da lógica do mercado que tudo transforma em mercadoria a ser consumida: fotos, vidas..." (MARIANI; MEDEIROS, 2011, p.84).

A premiação da fotografia aponta esta lógica; de um lado, premia-se o fotógrafo, cujo olhar sensível a uma cena revelou um acontecimento singular e chocante, de outro, ao deslocarmos as possibilidades de leitura da imagem para além de suas margens, premia-se a dor de um outro, cuja vulnerabilidade física e social, uma vez textualizada e guardada no arquivo de imagens do jornal, inscreve-se como algo possível de ser (re) visto como matéria passada, notícia velha. A imagem, neste funcionamento, produz outros efeitos, um efeito imaginário de que, pela força do visível, um acontecimento isolado, mas chocante, ocorreu em dado momento da história. Apaga-se, neste efeito, a condição de miséria em que vivem, dia a dia, tantas outras crianças e adultos, para além do que a fotografia nos permite ver.

Considerações finais

No presente artigo, produzimos gestos de análise que consideraram a relação entre o verbal e o não verbal, no espaço discursivo do jornal *O Globo online*, levando em conta especificamente a fotografia constitutiva de nosso *corpus*, o título, subtítulo e a legenda que a acompanham, enquanto materialidades significantes (LAGAZZI, 2009). A análise se deu com base no escopo teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, teoria crítica de linguagem que se dedica a pensar os processos de produção de sentidos, a partir de dadas condições de produção.

Mobilizamos, na análise aqui empreendida (uma análise possível), os conceitos de sujeito, posição-sujeito, gestos de inscrição e interpretação e memória discursiva, no intuito de promover uma leitura que desloque a fotografia do efeito de evidência, de “é isto e não pode ser de outro jeito”, em que se sustenta, no discurso jornalístico. A partir da consideração da imagem enquanto linguagem, podemos pensá-la em sua opacidade, em sua possibilidade de produzir efeitos de sentido.

Apontamos a impossibilidade de se pensar o verbal a modo de complementaridade em relação ao verbal. São distintas materialidades, que produzem efeitos distintos, no discurso. As materialidades significantes (LAGAZZI, 2009) por nós analisadas produzem (efeitos de) sentidos para a infância discursivizada no espaço do jornal; tais sentidos são sustentados por uma memória discursiva, que (re)constrói os dizeres sobre esta infância.

Procuramos, em nossos gestos de interpretação, uma leitura que considere, conforme Pêcheux (2012 [1983]), que os sentidos têm margem delineada pelo social, o histórico e o ideológico. Os sentidos também não são apreendidos pelo sujeito que fala, que produz uma imagem, um som, como se a linguagem fosse transparente. Na injunção à interpretação, “trabalho que ata língua, sujeitos e mundo” (ORLANDI, 2004, p. 28), o sujeito é capturado pelos sentidos, inserindo-se numa rede de sentidos que o preexiste e que tem como traço a diferença.

Na concepção a que nos filiamos, é preciso, diante de todo fato de linguagem, historicizar, relacionar a língua à história, à sociedade e ao ideológico, para, assim, compreender as evidências e apagamentos constitutivos do processo de produção de sentidos. É este um de nossos principais objetivos analíticos.

REFERÊNCIAS

DALMONTE, Edson. *Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos*. História. 2010, vol.29, n.1, pp. 328-344. <http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf>

LAGAZZI, Suzy. O recorte significativo da memória. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro.; MITTMANN, Solange. *O discurso na contemporaneidade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2009, p. 65-78.

_____. *Linha de passe: a materialidade significativa em análise* [online]. 2010, nº. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb –Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade. Link: <http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

MARIANI, Bethania. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. 256 f. Tese (doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 1996.

MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise. “*Mulher na favela e confronto policial: por um arquivo de imagens*”, In: Mariani, Bethania; Medeiros, Vanise; Silva, Silmara Dela. (org.) *Discurso, arquivo e...* Rio e Janeiro: 7LETRAS, 2011.

ORLANDI, Eni. *Efeitos do verbal sobre o não-verbal*. Rua (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade). nº1. Campinas: Editora da Unicamp.

_____. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. 3ª ed., Campinas: Pontes, 2001.

_____. *Tralhas e troços: o flagrante urbano*. In. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

-
- _____. [1996] *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, Pontes Editores, Campinas, SP, 2012.
- PÊCHEUX, Michel. [1969]. *Análise automática do discurso(AAD-69)*. [1969] In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso*. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- _____. [1975]. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- _____. [1983] *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6ª edição. Campinas: Pontes Editores, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand. [1916] *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- SOUZA, Tânia. *Discurso e imagem – Perspectivas de análise não verbal*. Ciberlegenda - Revista eletrônica do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal Fluminense, n° 1, 1998.